



ESBOÇO DE LETRAS

**19** *A história dos cadarços. Um sociólogo em viagem<sup>1</sup>*

*(The history of shoelaces. A sociologist on the road)*

*(La historia de los cordones de los zapatos. Un sociólogo en el camino)*

*Norbert Elias<sup>2</sup>*



**Resumo** – Originalmente editado no número 46 do periódico *Die Zeit. Wochenzeitung für Politik und Wirtschaft*, neste texto, Elias esboça uma pesquisa voltada à sua contínua atenção para as tensões entre habitus nacionais, mas à luz de comportamentos individuais. À maneira de outras oportunidades, o autor parte de uma problematização decorrente da participação na vida cotidiana com outras pessoas, no caso a sua estadia na vila de pescadores de Terremolinos, numa ilha espanhola. As diferentes, até divergentes percepções acerca das consequências de um cardarço de sapato desamarrado detonam a especulação do sociólogo sobre as relações entre o familiar e o estranho na condição de estrangeiro de um sociólogo diante do nativo, mas também deflagra questões sobre a sua própria condição de nativo.

**Palavras-chaves:** sociólogo; viagem; cardaços; humanos; estrangeiro; familiar; sentimentos; Torremolinos.

**Resumen** – Publicado originalmente en el número 46 de la revista *Die Zeit. Wochenzeitung für Politik und Wirtschaft*, en este texto, Elias esboza una investigación centrada en su atención continua a las tensiones entre los habitus nacionales, pero a la luz de los comportamientos individuales. Como otras oportunidades, el autor parte de una problemática derivada de la participación en la vida cotidiana con otras personas, en este caso su estancia en el pueblo pesquero de Terremolinos, en una isla española. Las percepciones diferentes, incluso divergentes, sobre las consecuencias de un cordón desatado desencadenan la especulación del sociólogo sobre las relaciones entre lo familiar y lo extraño en la condición de extranjero del sociólogo en relación con el nativo, pero también desencadena preguntas sobre su propia condición de nativo.

**Palabras clave:** sociólogo; viaje; cordones; humanos; extranjero; familia; sentimientos; Torremolinos.

**Abstract** – Originally published in issue 46 of the periodical *Die Zeit. Wochenzeitung für Politik und Wirtschaft*, in this text, Elias outlines a research focused on his continuous attention to the tensions between national habitus, but in the light of individual behaviors. Like other opportunities, the author starts from a problem arising from participation in everyday life with other people, in this case his stay in the fishing village of Terremolinos, on a Spanish island. The different, even divergent, perceptions about the consequences of an untied shoelace trigger the sociologist's speculation about the relations between the familiar and the strange in a sociologist's condition as a foreigner in relation to the native, but also triggers questions about his own condition of native.

**Keywords:** sociologist; trip; laces; humans; foreigner; family; feelings; Torremolinos



Um sociólogo em viagem pelo estrangeiro tem, por vezes, algumas dificuldades para esquecer todas as questões que o atormentam quando ele está em casa. Eu me interesso também, evidentemente, pelos museus, castelos, templos em ruínas, e não sou insensível às alegrias da praia, de uma nova paisagem, sem esquecer àquelas de procurar um restaurante estrangeiro. Mas, há sempre, no estrangeiro, pessoas novas para nós. Eu não posso fazer nada – no Lido, ou em Roma, em Torremolinos, Londres, Münster ou Paris, as diferenças entre os humanos, seus comportamentos, seus modos de vida, não cessam de despertar minha curiosidade.

O que eles fazem dia após dia? O que eles pensam? Como vivem na pequena ilha de pescadores espanhóis em torno da qual se desenvolveu Torremolinos? O que pensam realmente os agradáveis habitantes, quando vêem os grandes hotéis crescerem em torno deles, e quando surgem as tropas de turistas?

Foi em Torremolinos que a história dos cadarços me veio pela primeira vez. Foi à noite. Eu passeava, lentamente, um pouco perdido em meus pensamentos, ao longo da rua que atravessa a vila de pescadores. Ainda fazia calor. As portas das pequenas casas brancas estavam abertas. Em frente, as mães e avós estavam sentadas nas cadeiras. As

crianças brincavam. Víamos imagens religiosas que ornavam as paredes, ouvíamos os chamados de uma casa à outra. Os grupos de meninos e meninas (ainda separados) iam e vinham na rua e se chamavam rindo sem se conter. Eu me achava no meio deles. Eles viviam em seus mundos e eu no meu. Eis bem aí, eu pensei, o que o velho Tönnies chamava uma *comunidade* [Gemeinschaft], uma comunidade fechada, onde os indivíduos são estreitamente vinculados uns aos outros – em oposição à *sociedade* [Gesellschaft] das grandes cidades.

Em alguns momentos eu tinha a impressão que as mulheres em frente de suas portas procuravam me dizer alguma coisa. Em seguida, uma menininha se aproxima de mim e me olha rindo e baixando a cabeça. Eu achei que as meninas começavam bem cedo a fazer charme. Mas a criança colocou suas mãos no rosto como se tivesse vergonha, depois voltou correndo para sua mãe. Então, veio outra menina, um pouco mais velha, que aponta para meus sapatos. Enfim, compreendi : os cadarços do meu sapato esquerdo estavam desfeitos e arrastando no chão. Isso me acontece com tanta frequência, que já nem me dou mais conta. Mas as mulheres atentas, haviam notado, e tinham pensado que esse velho senhor estrangeiro corria o risco de tropeçar e se machucar. Observado e encorajado pelas mulheres, os homens



e as crianças em volta, baixei-me para atar cuidadosamente meus cadarços e, sorrindo a todos os rostos amigáveis que me cercavam, agradei a todo mundo. Depois, essa pequena agitação se acalmou. A vida retomou seu curso. Seguramente, uma *comunidade*, disse a mim mesmo. Ninguém é completamente estrangeiro. Mas minha consciência sociológica me chama à atenção: como você pode saber de que maneira as coisas acontecem se você não está lá?

No dia seguinte, intencionalmente, deixei os cadarços desfeitos, na rua onde estão os turistas, um pouco mais no alto da cidade. Como esperado: ninguém percebeu o perigo. Ou, para ser mais preciso: de vez em quando, alguém, entre aqueles que passeavam pela rua, pareciam notar os cadarços desfeitos e arrastando no chão. Mas se abstiveram de me advertir. Ao fim de duas horas, eu parei a experiência. Eis que surge bem a diferença, pensei, entre *comunidade* e *sociedade*.

Porém, isso não era exato. Obviamente as coisas eram mais complexas. O que me apareceu claramente quando, uma outra vez, eu refiz o teste dos cadarços em Londres. Eu o refiz várias vezes passeando na Regent Street e na Bond Street. O resultado foi surpreendente: três experiências, de três horas cada uma, deram origem a três vívidas reações dos transeuntes em cada uma. Isso, lembremo-nos, em uma

*sociedade* de uma grande cidade. Eu repeti a tentativa em Paris, uma cidade que é mais arejada e, em seu centro, mais homogênea arquitetonicamente do que Londres. Mas, três tentativas de três horas, englobando simultaneamente os bulevares Saint-Michel e Montparnasse e os Champs-Élysées, deram um fraco resultado: ao todo, duas reações e meia. Eu contei a meia reação com a de um arruaceiro que me gritou nos ouvidos “Cuidado!”, divertindo as moças que o acompanhavam. As duas outras vieram de pessoas que, nos terraços dos cafés, nos Champs-Élysées, se deleitavam com o vai-e-vem dos aperitivos e dos *flâneurs*.

Na Inglaterra, foram senhores idosos que me advertiram do perigo que eu corria. Na Alemanha, velhos senhores certamente me olharam de passagem, mas com, me parece, um certo desprezo, o que é perfeitamente compreensível face a uma tal violação da boa ordem. Apenas as senhoras se esforçaram para me ajudar. No trem ou em outra parte, as moças ou senhoras chamaram minha atenção para o sapato desamarrado, e nas cidades médias, como Münster, esta advertência veio seguida por uma breve discussão – contrariamente a Londres, onde os homens e mulheres pareciam ávidos por chamarem minha atenção, mas guardando certa reserva - não destituída de amabilidade. Na Alemanha, colhi com



## NORBERT ELIAS

frequência, além disso, uma pequena advertência, complementada por exemplos de tudo que poderia acontecer.

Porém, a mais forte reação deste tipo que eu encontrei, não aconteceu todavia na Alemanha, mas na Suíça, na bela cidade de Berna. Eu observava com admiração as vitrines da grande livraria [do editor] Francke, e pensava que esta cidade deveria abrigar uma *intelligentsia* de alto nível. Quando eu ia me por em marcha, cadarços desfeitos, uma senhora me aborda e assinala minha negligência. E enquanto eu refazia os laços e lhe dizia algumas palavras de agradecimento, ela me passava um pequeno sermão : nós jamais somos bastante prudentes; particularmente, era necessário ter cuidado ao comer uvas sem lavá-las; era muito perigoso; por fazer isso, uma amiga dela tinha tido um câncer; viajando, era necessário ser especialmente prudente ; um conhecido dela quase caiu do trem... Tratava-se certamente de uma exceção. Não se pode tirar qualquer conclusão quanto ao caráter nacional dos habitantes da Confederação Helvética.

O resultado desta pesquisa não é, neste estado, verdadeiramente conclusivo. É necessário corrigir o método para melhorá-lo? A investigação foi divertida. Mas talvez não responda aos cânones atuais da ciência.



## ESBOÇO DE LETRAS

1. “O curto artigo que segue foi publicado por Norbert Elias, em novembro de 1967, no periódico semanal *Die Zeit. Wochenzeitung für Politik und Wirtschaft* (nº 46). Texto menor, seguramente, ele oferece um contraponto leve ao nosso dossiê. A pesquisa aqui conduzida pelo sociólogo é “sauvage” – improvisada, com os meios disponíveis e um protocolo sumário, a partir de uma hipótese e de alguns conceitos tão clássicos quanto gerais (a distinção *Gemeinschaft/Gesellschaft* de F. Tönnies). O próprio autor admite que a investigação é conduzida com muita leveza para ser conclusiva.

Contudo, aqueles que têm alguma familiaridade com a obra de Elias encontrarão, nestas rápidas linhas, a admirável capacidade e a curiosidade sempre viva que fundam seu olhar sociológico. Reconhecerão, ainda, a interrogação fundamental sobre a qual se construíram todas as pesquisas de Elias, desde seus primeiros grandes trabalhos sobre a sociedade de corte e o processo de civilização até o estudo tardio sobre *Les Allemands*: um questionamento sobre a diversidade dos hábitos nacionais (considerados notadamente sobre sua dimensão corporal) e sobre a variação das relações entre o eu do indivíduo e o nós do grupo.

O texto é traduzido do original alemão, tal como disponível nos arquivos online de *Die Zeit* e sobre a base de dados *Hyperelias*. Em um ou dois pontos do texto, todavia, retomamos os desenvolvimentos que figuram na versão inglesa, publicada no volume 16 dos *Collected Works de Norbert Elias* – Antony Burlaud. ([Nota de tradução] Dossiê «Enquêter» de *Savoir/Agir* 2021/3 Nº 57. <https://www.cairn.info/revue-savoir-agir-2021-3.htm>. Este artigo, publicado em francês, numa tradução do original alemão realizada por Antony Burlaud apareceu em *Savoir/Agir*, «Enquêter», 2021/3, Nº57, Éditions du Croquant pp. 65-67. Para esta tradução inédita em português do Brasil, e sua publicação, muito gentilmente agradecemos as autorizações de Antony Burlaud, dos editores de *Savoir/Agir* e da Norbert Elias Foundation. [Tradução Mariana Barreto]).

2. “Norbert Elias nasceu em 22 de junho de 1897, na cidade alemã de Breslau. Elias viveu, portanto, sua juventude no período de ascensão do nacional-socialismo e testemunhou a chegada de Adolf Hitler ao poder, o que significou a contingência da partida, em 1933. Ainda jovem, serviu como soldado alemão na Primeira Guerra Mundial. Por esse tempo, iniciou seus estudos superiores em Medicina, interrompidos antes do final. Como sua vocação era a Filosofia, matriculou-se na Universidade de Breslau, onde defendeu sua dissertação, em 1924. O passo seguinte, no centro universitário de Heidelberg, foi dirigir-se a Alfred Weber, o irmão mais novo de Max Weber, a fim de preparar uma habilitação em sociologia. Antes, tentara habilitar-se em filosofia com Karl Jaspers, que o recusou. Elias, porém, não concluiu a orientação com Alfred Weber. Dirigiu-se a Karl Mannheim, de quem já se tornara amigo e assistente. Mannheim convida-o para trabalhar na Escola de Frankfurt. Em Frankfurt, Elias encontrou um ambiente intelectual propício aos estudos comparativos e interdisciplinares entre sociologia, psicologia e história. Há razões para supor que, nessa ambiência intelectual, Elias tenha desenvolvido a disposição em satisfazer horizontes de expectativas transdisciplinares. Por essa época, foi fundado, na Universidade, o Instituto de Psicanálise, o que deve ter permitido a Elias o contato com a obra de Freud. O jovem sociólogo não deve ter se mostrado alheio aos debates travados nas rodas intelectuais, nem nas discussões informais e conversas nos intervalos das aulas. O interesse pelas estruturas psíquicas era comum a todos e casava bem com o futuro projeto das interdependências entre a psico e a sociogênese. Mas Elias acaba tomando distância das conceituações freudianas que postulam estruturas universais do psiquismo humano. O jovem Elias demonstrava interesse pelo desenvolvimento das estruturas mentais, entrando em contato com a psicologia de Jean Piaget e Heinz Werner, e com os estudos de Lucien Lévy-Bruhl sobre o pensamento primitivo. Ele migrou para a Inglaterra em 1939. Após a Guerra, trabalhou como professor no programa de educação de adultos, em um curso organizado pelo Adult Education Centre, da Universidade de Londres. Elias se naturalizou cidadão inglês em 1952, mesmo ano em que participou, com S. H. Foulkes, da fundação do Group Analytic Society, estreitando os laços com a terapia de grupo, que talvez, para ele, estivesse mais próxima dos estudos das relações entre os indivíduos de que a sociologia. Durante a aposentadoria, em 1962, Elias ainda conseguiu ocupar um posto de Professor Emérito na Universidade de Gana, onde permaneceu por dois anos estudando a arte africana. No retorno de Gana, foi a vez de ocupar o posto de Professor Visitante na Alemanha. Em 1984, se instalou definitivamente em Amsterdã. Por esse tempo, o reconhecimento já havia chegado e seus livros ganhavam o mundo. Em 1977, recebeu o Prêmio Adorno e, em 1987, o Prêmio Amalfi de Sociologia. Em 1990, Norbert Elias faleceu em Amsterdã. Ao longo dessa trajetória, outra importante via de



## ESBOÇO DE LETRAS

compreensão dos processos de simbolização aberta por Norbert Elias é o modo como aborda os problemas do conhecimento, supondo uma constante balança de equilíbrio entre posições afetivas de compromisso e distanciamento. Conhecer é comparar perspectivas e experiências em contínuos movimentos. As diversas balanças que orientam as relações entre os aliados e adversários de todos os tempos e formas da civilização chamou a atenção do sociólogo. Preocupavam-no os diferenciais de dominação entre indivíduos em situações de interdependência. Antes de tudo, o equilíbrio que mais o fascinava era o que regulava e articulava as forças de controle exteriores e as forças de autorregulação nos indivíduos, as repressões sociais aos afetos e pensamentos. É realmente digno de nota o modo como a dominação entre os grupos sociais, seja na forma de tensões e concorrências abertas, ou de disputas veladas, não invalida as dependências mútuas. Ao contrário, as interdependências se estruturam nas situações de dominação e nas lutas de poder. Com tudo isso, Elias renova o estilo dos sociólogos acostumados a dividir o mundo em dois sob o prisma da objetividade e da subjetividade.” – por Andréa Borges Leão (professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; integrante do CMD; líder do GECCA/UFC).

Obs: a tradução deste texto integra a execução do projeto interinstitucional Razão Neoliberal, Financeirização e Circulação Transnacional da Cultura/Conhecimento reunindo docentes dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Brasília, além da Universidade de Paris (Sorbonne).

